



**FRONTEIRA ENTRE CIÊNCIA, POESIAS E VIDA: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS
DE UM ESTÁGIO PÓS-DOCTORAL**

**FORNTE BETWEEN SCIENCE, POETRY AND LIFE: REPORTS OF EXPERIENCES
OF A POST-DOCTORAL STAGE**

Tânia Mara Rezende Machado¹

Resumo

O trabalho ora apresentado consiste em relatos de minha experiência com o Estágio Pós-doutoral realizado junto a Universidade Federal do Paraná- UFPR no contexto da pandemia da Covid 19 a partir de elementos de condições humanas na tríplice fronteira de uma mulher pesquisadora que hibridiza ciência, poesia e vida, como entre-lugares de travessias forjadas para transpor os desafios impostos pela conjuntura. Uma das principais fontes de análise e reflexão consiste em um conjunto de textos ao qual denominei “escritos de domingo”. Trata-se de sete poesias insubmissas feitas nesse dia da semana como forma de extravasar sentimentos de ansiedade, luto, medo, revolta, resistência, solidão, saudade, tristeza e alegria, posto que a fronteira entre sanidade e loucura esteve bem tênue. Em termos de referencial teórico-metodológico o diálogo se dá com Grosfoguel (2010) para tratar de pensamento crítico de fronteira, Nietzsche (2008) para tratar do humano, demasiado humano e com Bhabha (2001) para explicar porque as experiências relatadas estão no entre-lugar do acadêmico e do cotidiano imediato. Espero que essa produção atravessada e insubmissa se constitua numa amostra das capacidades humanas de enfrentamento de crises, e não uma exposição de misérias pessoais uma vez que minhas utopias continuam no horizonte e é preciso mais que nunca, prosseguir.

Palavras-chave: Entre-lugares 1. Fronteiras 2. Ciência 3. Vida cotidiana 4. Poesias

Abstract

The work presented here consists of reports of my experience with the Postdoctoral Internship carried out at the Federal University of Paraná- UFPR in the context of the Covid 19 pandemic based on elements of human conditions in the triple frontier of a female researcher who hybridizes science, poetry and life, as inter-places of forged crossings to overcome the challenges imposed by the conjuncture. The main source of analysis and reflection consists of a set of texts that I have called “Sunday writings”. These are seven insubmissive poems written on that day of the week as a way of venting feelings of anxiety, grief, fear, revolt, resistance, loneliness, longing, sadness and joy, since the border between sanity and madness was very blurred. In terms of theoretical-methodological framework, the dialogue takes place with

¹Tânia Mara Rezende Machado-UFAC
taniaufac@gmail.com

FRONTEIRA ENTRE CIÊNCIA, POESIAS E VIDA: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DE UM ESTÁGIO PÓS-DOCTORAL

Grosfoguel (2010) to deal with critical frontier, Nietzsche (2008) to deal with the human, too human e thinking and with Bhabha (2001) to explain why the experiences reported are in between the academic and the immediate everyday. I hope that this crossed and unsubstantiated production constitutes a sample of human capacities to face crises and not an exposure of personal miseries since my utopias are still on the horizon and it is necessary more than ever, to continue.

Keywords: between: Places 1. Borders 2. Science 3. Everyday life 4. Poetry

Introdução

Ao me propor escrever esse relato de experiências pensava: Por onde começar? Resolvi que iniciaria problematizando o que é uma experiência?

A princípio, a pergunta parecia ser banal, mas na continuidade das reflexões percebi não ser assim tão simples. Trabalhei com a concepção de experiência formulada por Larossa (2015) a quem uma vivência só se constitui em uma experiência quando atravessa o homem e deixa-lhe marcas, posto que segundo esse autor, “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”.

Decidi que partilharia parte de minhas experiências vivenciadas durante a realização de meu Estágio Pós Doutoral realizado de setembro de 2020 a junho de 2021, no contexto da pandemia pelo Covid 19, um tempo em que tudo parecia ter sentido reconfigurado ou mesmo extraviado. Tempo em que o prefixo “pós” ficaria melhor empregado à palavra pandemia e não a doutorado. Que sentido tinha fazer um pós-doutorado quando não se sabia se haveria vida futura? Quando os correios eletrônicos se enchiam de obituários? Havia indícios de que fazer um pós-doutorado, sonho outrora tão almejado, agora parecia não ter mais sentido. Contudo, a utopia tinha que continuar no horizonte e era preciso, mais que nunca, prosseguir. Com essa perspectiva, iniciei a escrita que ora apresento.

Uma das principais fontes de análise e reflexão consiste em um conjunto de textos insubmissos que denominei de “escritos de domingo”. Feitos nesse dia da semana, nos intervalos entre os estudos e as tarefas domésticas. Tais registros funcionaram como formas de travessias, forjadas para transpor os desafios impostos pelo

FRONTEIRA ENTRE CIÊNCIA, POESIAS E VIDA: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DE UM ESTÁGIO PÓS-DOCTORAL

contexto, para extravasar os sentimentos de impotência, ansiedade, luto, medo, revolta, resistência, solidão, saudade, alegria e tristeza e evitar a loucura, posto que a fronteira entre esta e a sanidade esteve bem tênue. Depois, esses escritos passaram a configurar como um dos apêndices do relatório final do Estágio Pós-doutoral como forma de mostrar que o homem cria, constantemente, alternativas frente às crises.

Do ponto de vista da estrutura do texto, mesclo seções científicas com poesias. Antes, porém, permita-me narrar um fato que guarda relação com esse trabalho.

Certa feita um amigo enviou-me um e-mail que continha anexo o boneco de um livro de poesias. No corpo da correspondência, solicitava que eu fizesse com que a referida obra chegasse às mãos de meu esposo. O amigo gostaria de ter o parecer de alguém a quem ele julgava sensível e criativo para avaliar suas obras. Eram escritos produzidos ao longo de mais de duas décadas, e ele entendia que um cantor e compositor teria tais credenciais. Ah! Como fiquei despeitada! Eu não sou compositora nem cantora, mas gosto de uma escrita criativa. Respondi-lhe que atenderia sua solicitação, mas não sem antes ler todas as poesias. Afinal, não estaria ferindo a ética na correspondência, uma vez que o endereço de e-mail para o qual as poesias foram enviadas era meu.

Passados alguns dias, o amigo me respondeu pedindo desculpas, afirmando ser uma honra ter-me como sua leitora. Saiu-se bem! Cumpri a solicitação e entreguei a obra ainda inacabada para o avaliador destinatário. Mais alguns dias se passaram, e perguntei-lhe se ele já tinha um parecer sobre as poesias. Com uma naturalidade impar ele me respondeu: “Não sei nem que laudo dar as poesias do “fulano de tal”. São poesias agoniadas demais”.

Diverti-me com os dois termos empregados: laudo e agoniadas, pois nenhum deles cabia ao contexto. Poesias normalmente passam por críticas literárias e podem ser classificadas de muitos modos a depender do estilo. Contudo, agoniadas não parecia ser o adjetivo mais apropriado se, de fato, as poesias não explicitassem uma perspectiva de resistência, e se o avaliador que proferira tais expressões não fosse um sujeito muito rico culturalmente, que trazia as marcas de escolas literárias conservadoras. Ri um pouco e fiquei a pensar: como responderia ao meu amigo?

FRONTEIRA ENTRE CIÊNCIA, POESIAS E VIDA: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DE UM ESTÁGIO PÓS-DOCTORAL

Transmitiria-lhe o “laudo” de suas poesias? Diria-lhe que o avaliador as achou agoniadas por demais?

Enquanto estudava uma forma de comunicar o veredito, surpreendentemente, o avaliador diz: “Algumas poesias se salvam. Uma delas musicalizei e ficou bem bacana”. Que alívio! Marcamos um almoço em nossa casa, convidamos o amigo apresentamos-lhe a bela poesia musicalizada. Naquela oportunidade, brindamos à alegria da amizade. Poesias guardadas por duas décadas, sujeitas à crítica, no real sentido de uma crítica, e depois, uma delas tornada canção, graças a uma parceria. Recordei-me da música “Carinhoso”, composição de Pixinguinha que, segundo a historiografia musical, teria passado uma década apenas como melodia, sem letra. Só muitos anos depois recebeu letra de distintos autores e hoje podemos cantar: “Meu coração, não sei por quê, bate feliz quando te vê; e os meus olhos ficam sorrindo e pelas ruas vão te seguindo”.

Penso que talvez minhas poesias também sejam classificadas como mais que agoniadas, por serem despudoradas, atravessadas, misturadas, sem rimas, fronteiriças demais. Mas, se tiverem destino semelhante às do meu amigo ficarei bem satisfeita, pois terá cumprido duplamente seu papel: de aliviar-me a alma em tempos tão áridos, e de provocar a crítica.

Vamos relatopoetizar?

Eu relatopetizo, tu relataspetizas, ele relatapoetiza, nós relatamospoetizamos, vós relataispoetizais, eles relatampoetizam. Se ninguém gostar dessa conjugação, alguém há de fazer um bom “laudo” a essas escrevivências.

Nos entre-lugares da pesquisadora e poetiza humana, demasiadamente humana: que venham os “escritos de domingo”, considerando os conceitos de ente-lugares apropriados de Bhabha (2001), em sua obra “O local da cultura” e de humano, demasiadamente humano de Nietzsche (2000, 2008) respectivamente, entendendo-me como alguém demasiadamente humana, que hibridiza pesquisa acadêmica e vivências cotidianas em uma ciência-poética. Por assim ser, expresso, a partir de agora, toda sorte de tragédias que acompanharam minha produção acadêmica.

FRONTEIRA ENTRE CIÊNCIA, POESIAS E VIDA: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DE UM ESTÁGIO PÓS-DOCTORAL

Se em Nietzsche o diálogo teórico é para melhor entender meu Humano-Demasiado Humano, com Bhabha não é diferente, cuja obra citada destaca que as identidades se constroem não mais nas singularidades – como as de classe, gênero, etc. – mas, nas fronteiras das diferentes realidades; refere-se aos entre-lugares. e podem ser entendidos como um pensamento liminar, construído nas fronteiras, nas bordas, compreendidos como espaço de encontro cultural de múltiplas dimensões e especificidades que podem se incidir. O termo entre-lugar é um conceito do campo dos Estudos Culturais, que tem contribuído para a ampliação de discursos que, às vezes, não cabe em um fazer acadêmico científico convencional. Assim, valendo-me de Santiago (2000), que por sua vez recorre a uma perspectiva foucaultiana, tento expor nesse relato de experiência situações fronteiriças de alguém que esteve e está nos entre-lugares de professora universitária envolvida com orientações de trabalhos acadêmicos e os cotidianos a que muitas outras pessoas estão. Portanto, o texto a seguir traz elementos teóricos e empíricos dessas situações fronteiriças. Devo destacar que, por uma coerência epistemológica, os dados empíricos superam os teóricos, como denotado nos cinco relatos poesias que tratam dessas misérias e alegrias que os demasiadamente humanos sentem como o apego ao passado, a transcendência e a religião.

Em comum união com Jesus

Passei 50 anos de minha vida sem cear

Pior dia era domingo de ceia. Fugia das igrejas.

Como poderia uma mulher não batizada nas águas, amasiada, adúltera cear?

FRONTEIRA ENTRE CIÊNCIA, POESIAS E VIDA: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DE UM ESTÁGIO PÓS-DOCTORAL

Muito tempo depois, quando meu relacionamento já estava bem desgastado, paguei uma advogada para me representar junto a um juiz que reconheceu minha união estável e me divorciou. Que contradição! Deixei por um curto espaço de tempo de ser pecadora (mulher amasiada) para voltar a ser pecadora (mulher divorciada).

Um dia, ouvi um sermão proferido por um ministro do evangelho, desses pecadores como todos os humanos, mas sábio e fundamentado na Bíblia, que expunha a condição necessária para se participar da ceia. Eu já havia ouvido coisas parecidas muitas vezes, mas naquele dia, comer o corpo de Cristo e tomar seu sangue me pareceu ser tudo que fiz a vida inteira. Entendi-me em comunhão/comum união com Jesus e comi o pão e bebi o vinho naquela simbologia linda. Daquele dia para frente nada mais me impede de cear todas as vezes que me sinto em comum união com Jesus.

Hoje é domingo de ceia na minha vida. Estou em isolamento social por conta do Covid 19, mas no silêncio de minha casa “tomo e bebo do vinho” em memória do sacrifício de Jesus por mim.

Curitiba, Domingo, 14 de Março de 2021.

Quando

Quando naquela noite me traístes, e chegastes de madrugada como se nada tivesse acontecido, meu coração comprimiu-se ao perceber que vagavas pela casa, hibridizando pensamentos, tropeçando palavras e desviando o olhar, numa clara denúncia de que tudo estava consumado.

Quando na manhã seguinte senti que estavas feliz, que em tua roupa havia batom, que teus cabelos cheiravam a sexo e que em tua carteira, a grana que nunca fora muita, estava ainda menor, concluí que o pagamento

FRONTEIRA ENTRE CIÊNCIA, POESIAS E VIDA: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DE UM ESTÁGIO PÓS-DOCTORAL

das contas de luz, da Unimed e até da mercearia não aguardaria, porque não era como eu, que estava sempre à tua espera.

Quando teu trabalho, teu lazer, tua fome, teu paladar, teu sono, teu tesão, teu amor e teus sonhos não estavam mais em interseção aos meus, quis ter ódio. Depois, percebi que tudo que te ocorria, em boa parte, ocorria também comigo.

Quando então, a canção se fez silêncio, a noite se fez dia, o sono se fez insônia, o sonho se fez pesadelo, o riso se fez pranto e o sexo se fez dever, quis barbarizar. Depois, entendi que amor e a paixão são como fogão à lenha, requer disposição para lenhar a cada manhã e de acendê-los diuturnamente. Já não tínhamos mais essa disposição!

Curitiba, Domingo, 18/04/21.

Pai, teu rico e contraditório legado

Pai parte de ti foste. Parte de ti ficou

Teu legado, rico e contraditório, está em mim todos os dias.

Na fisionomia e personalidade de cada filho/a e neto/a

Na confiança de que hoje será melhor que ontem, que ainda que o hoje esteja tão cinzento há de "miorá".

Na perseverança em manter as plantações, mesmo em solo tão ruim, pois, "zelano dá".

No cuidado com tuas ferramentas

No sabor de cada doce

Na escuta do teu Tião Carreiro e Pardinho

No fogão à lenha tão fumacento,

No tamborete portátil que, com tanto zelo, fizestes para eu sentar

FRONTEIRA ENTRE CIÊNCIA, POESIAS E VIDA: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DE UM ESTÁGIO PÓS-DOCTORAL

enquanto amamentava teus netos

No cheiro forte do teu cigarro de palha

No teu jeito rude de me acordar

Não teu hábito de orar agradecendo a Deus antes das refeições

Na tua definição de comunismo. Tu definias assim:

“No comunismo nada é teu! Tua muié não é tua, tuas ferramenta não é tua.”

Ah que truncada e linda definição! A ti, meu sábio iletrado, eu perdô. Aos ditos “cultos” que distorcem o que é o Comunismo, NÃO!

Tua filha é quase pós-doutora, pai, e tu estás vivo em mim.

Curitiba, Domingo, 22 de Novembro de 2021.

Quero minha vida de volta!

Nesse tempo de pandemia, não tive Covid, mas tenho sintomas terríveis.

São comuns sonolências diurnas e insônias noturnas

Durante as insônias, muita fome.

Parece que há um liquidificador ligado 24 horas no meu estômago

Dores no corpo, ardência nos olhos, dores de cabeça constantes.

Meu *e-mail* e *wattsapp* viraram obituários e minha mente um poço de medo e insegurança

Saudades, saudades, saudades da família, dos amigos e dos alunos

O trabalho virtual expropriou-me de muitos dos meus saberes e retirou-me a alegria da partilha e do diálogo presencial

Tenho que lidar com muitas perdas e dores

Tudo isso me faz muito mal. Meu corpo cansa e minha alma geme.

Sinto-me um robô ambulante. Quero minha vida de volta!!!

Curitiba, Domingo, 24 de Janeiro de 2021.

FRONTEIRA ENTRE CIÊNCIA, POESIAS E VIDA: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DE UM ESTÁGIO PÓS-DOCTORAL

Traços de machismo

Procuro os traços de machismo deixados na memória

Eles estão onde nossa consciência não nos permitia ver

Pode estar no marido bonzinho, mas não companheiro.

Na crítica à maquiagem, dita por ele de puta, e ao colar artesanal classificado como parecido com coisa de mãe de santo, mas que só revelava o ciúme do macho inseguro.

Nas grades de cervejas compradas aos domingos e do refrigerante que não chegava porque não agradava ao paladar do “chefe da família”. Então, mulher e enteados que tomassem água!

Nas falas que objetificavam a mulher tipo: Quando eu ficar famoso e tiver dinheiro vou te recauchutar toda. Tá com dor de cabeça? Deixa eu te comer que passa! Mulher não entende de futebol! Melhor ficar em casa com as crianças.

Por tudo isso, me nego a ter que parecer homem para me afirmar como mulher.

Recuso descrições de mulheres fortes que se alinham com: Preferir conversar e estar com os homens; estar na rua em detrimento da casa ou ter que ter pau para bater na mesa se quiser assumir cargos de liderança.

Concordo com Boaventura Souza Santos: “Temos o direito de ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades.”.

Curitiba, Domingo, 07 de março de 2021.

Chegar a um não lugar

A chegada em Curitiba, em 02 de setembro de 2020, ainda em processo de recuperação de uma fratura no tornozelo e em meio à pandemia causada pelo Covid

FRONTEIRA ENTRE CIÊNCIA, POESIAS E VIDA: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DE UM ESTÁGIO PÓS-DOCTORAL

19 foi repleta de desafios e emoções. Conhecer Curitiba, cidade de lindos parques, de maior IDH do Brasil, de clima ameno em oposição a Rio Branco, cidade de onde eu vinha, de clima extremamente quente, foi um sonho.

Nos primeiros 22 dias, eu e meus dois filhos, de 11 e 22 anos, ficamos em um Hotel no Centro da Cidade enquanto contactávamos imobiliárias para alugar um apartamento. Decidimos, então, que alugaríamos um apartamento no Bairro de Rebouças, onde está localizada a área de Educação da Universidade Federal do Paraná-UFPR. Trata-se de um prédio histórico, no qual funcionou a primeira Estação Ferroviária de Curitiba. Naquele espaço, almejava vivenciar ricas trocas de experiências acadêmicas. Havia lido o artigo “Irmãos Rebouças no Paraná do século XIX e os intelectuais negros”, escrito por Barbosa, Anjos e Silva (2020) e nosso interesse por conhecer tal Campus era grande. Passados os dias conseguimos alugar um apartamento em uma esquina da Avenida Getúlio Vargas com a Rua 24 de Maio. Tal como desejado, estávamos em Rebouças! Dalí, ouvíamos o barulho do trem e nos deslumbrávamos com um corredor verde de árvores em meio a um emaranhado de edifícios entre os bairros Água Verde e Rebouças e, mais à frente, podíamos avistar as serras.

Aquela paisagem nos parecia linda, embora contrastando com as sirenes das ambulâncias que traziam pacientes de Covid para o Hospital Pequeno Príncipe, a fome dos mendigos nas esquinas durante o dia e o frio das prostitutas às noites.

No dia 23 de setembro, decidi que, como já estávamos instalados, era o momento de conhecer o Campus Rebouças. Contudo, só tive condições de avistá-lo do portão e torcer para que a pandemia acabasse e eu pudesse adentrar àquele espaço, aonde viria a conhecer os professores e alunos do PPGE/UFPR e vivenciar boas experiências. Isso, no entanto, não foi possível! Os meses que sucederam foram de isolamento no apartamento, trabalhando no modo *home office*.

O viver naquele lugar me fez refletir que, às vezes, pode haver descompassos entre a geografia física e a geografia humana de uma grande cidade. E em meio a essas reflexões, enquanto limpava o apartamento, veio-me à mente, de modo desvairado, as ideias para o primeiro escrito de domingo. Nomeei-o “Geopolíticas indentitárias”, e escrevi-o à mão, para que este não se perdesse até ser digitalizado.

FRONTEIRA ENTRE CIÊNCIA, POESIAS E VIDA: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DE UM ESTÁGIO PÓS-DOCTORAL

Geopolíticas identitárias: Entre pudores e empoderamentos

Ser de cima, ser do Norte, nem de longe significa estar acima. Antes, homens e mulheres dessa região são tidos como inferiores, feios, pobres, sujos, incivilizados, pouco inteligentes, preguiçosos, imorais e toda sorte de marginalidade e minoração.

As epistemologias do Norte do Brasil são vistas pelos sulistas como limitadas, insuficientes e pseudocientíficas.

Os modos de vida nortistas são tidos como exagerados e extravagantes. Consideram que nortistas falam muito, com muita gente, sobre tudo e com o uso de uma linguagem inapropriada à comunicação entre gentes civilizadas.

A aceitação das pessoas do Norte ou a rejeição destas, às vezes, não se dá por seus modos de vida, mas pelos fenótipos e sobrenomes: se for loira, de olhos e cabelos claros e carregar um sobrenome de origem polonesa, alemã, italiana, pode ser extravagante e falar alto.

Quanto às mulheres sulistas, a exemplo das de outras regiões que guardam muito conservadorismo. Dão a impressão de serem muito pudoradas e pouco emponderadas.

Na mesma linha de pudor, as mulheres em idade reprodutiva nunca pariram. Seus repertórios linguísticos só contemplam, em instância privada, a palavra parto. Nunca o fato de uma mulher parir uma criança.

O Acre, estado de onde venho, é quente. O Inferno Verde, como descrito por Euclides da Cunha. O Paraná, especialmente Curitiba, é gelado em muitos aspectos para além do clima.

Os vizinhos são muito gentis. Falam bom dia, abrem o elevador, juntam as moedas que deixamos cair por estar com as mãos carregadas de feira. Mais que isso, é desnecessário. Saber seu nome, como você está, qual o número de seu apartamento ou do que gosta é considerado invasão de

FRONTEIRA ENTRE CIÊNCIA, POESIAS E VIDA: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DE UM ESTÁGIO PÓS-DOCTORAL

privacidade.

Os apartamentos são coisas chiques: têm água quente e fria nas torneiras. Isso acelerou bem meu reumatismo e a rinite dos meninos. Não conseguimos controlar o fluxo equilibrado de água quente e fria, e assim, ora nos queimamos, ora passamos frio.

O piso tem carpê. Uma desgraça! “Faz a gente espirar prá caramba”. Nos cômodos que não têm carpê, tem uma madeira falsificada, que não se pode baldear nem passar um pano bem molhado.

As cortinas têm cor padrão. Não podem ser amarelas ou azuis. Fui advertida a retirá-las por estarem em desacordo com as cores padrão do prédio. Agora o sol adentra meu local de estudos. Ficou melhor ainda.

O lixo produzido no apartamento? Ah esse é preciso rememorar bem as aulas de Química. É assim: Tem frasco para depositar todo tipo de lixo; do resto de “ bóia” ao papel higiênico usado. Isso me deu indícios de que o povo sulista, apesar de muito civilizado, também defeca.

Os recipientes são identificados da seguinte maneira: orgânico, reciclável, sólido, líquido, gorduras, vidros, vidros quebrados, excrementos animais e assim, segue uma lista de elementos, cuja classificação e acomodação requerem cerca de trinta minutos para que não se incida em multas condominiais por desrespeito à natureza.

O uso do elevador? Ah! Esse também é cheio de regras;

- Não pode lotar demais!
- Não pode apertar em muitos botões!
- Não pode demorar segurando o elevador em seu andar!
- Não pode transportar trabalhadores!
- Não pode molhar!
- Não pode sujar;
- Não pode, não pode, não pode...

Lavar e estender roupas também tem um ritual extenso: Economizar água, lavar entre as 08 e 17 horas, não estender em lugares visíveis e nunca

FRONTEIRA ENTRE CIÊNCIA, POESIAS E VIDA: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DE UM ESTÁGIO PÓS-DOCTORAL

deixar cair uma peça na sacada do vizinho.

Para tomar água? Hum.... Tem alguns procedimentos a serem seguidos:

Apronte de 13 a 18 reais

Ligue para uma distribuidora e peça água informando se vai pagar em dinheiro ou cartão. Se for a dinheiro, informe com que valor pagará, para facilitar o troco.

Receba a água na portaria. Entregador não pode subir.

Após receber a água, passe álcool no frasco e no suporte em que esta será colocada.

Economize até ter dinheiro de novo. Contudo, tome água todos os dias.

E vamos que vamos! Isso é só uma questão de ajuste de geopolíticas identitárias. Mignolo (2008) e Quijano(2005) que nos digam.

Curitiba, Domingo 25 de Outubro de 2020.

Depois da produção desses escritos de domingo, percebi que não precisaria gastar dinheiro com terapeuta. O papel suportaria bem meus atravessamentos e minha mente estaria bem mais leve.

Feito o relato de minhas geopolíticas idenitárias em Curitiba, convido-os a prosseguir caminhando comigo em unidade dos contrários em um tempo estranho.

Unidade dos contrários em um tempo estranho

Que tempo estranho é esse em que:

Algumas pessoas têm carros que mofam na garagem por não poder sair de casa, enquanto outras se arriscam e saem de bicicleta para entregar alimentos às que ficam em casa

As roupas de alguns ficam perdidas, pois engordaram muito com a pandemia, enquanto outros as perdem em alagações

A correria do dia a dia virou marasmo

FRONTEIRA ENTRE CIÊNCIA, POESIAS E VIDA: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DE UM ESTÁGIO PÓS-DOCTORAL

khronos, tempo de natureza quantitativa cedeu lugar ao Kairós, tempo qualitativo e oportuno para a reflexão demorada

O debate presencial virou *live* e *chat*

O batom cedeu lugar à máscara

O álcool, antes do vinho, reduziu-se ao do gel, e a morte virou números!

Nesse tempo, unidade dos contrários cabe bem.

Procuro saber de cada amigo, de cada familiar, de cada irmão o que nos une, mesmo pensando de modo contrário?

O que pode nos fortalecer?

Em que somos unitários?

Seu partido, seu time, sua religião, talvez sejam diferentes, mas você é igualzinho a mim. Somos feitos da mesma matéria!

No fim da estrada, chegaremos ao mesmo lugar. Então... caminhemos em unidade de contrários.

Curitiba, domingo, 14 de Maio de 2021.

A apresentação dos escritos de domingo mostram minha condição demasiada humana e meus entre-lugares de pesquisadora, mãe, filha, companheira, cidadã e escritora em busca de uma qualificação profissional libertadora. Sigo relatopoetizando com mais um escrito que não foge à essência daquilo que tratei até aqui. Contudo, nessa reflexão celebro a vida, mesmo em tempos de morte, e fecho um ciclo de formação.

O reencontro dos carpinteiros

Ontem pus-me a recordar a casa de sala redonda de outrora

FRONTEIRA ENTRE CIÊNCIA, POESIAS E VIDA: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DE UM ESTÁGIO PÓS-DOCTORAL

O velho pai carpinteiro que zanzava pelo terreiro arrastando seu chinelo, juntou-se a outro carpinteiro em 2014

A mãe, criatura das flores, está feliz. Dedicou-se agora a outro jardim.

Meus filhos, já crescidos, divertem-se com as tecnologias

E eu rememoro

Cada árvore plantada ou mesmo derrubada para dar lugar a outras

O forno e o fogão à lenha fumaçando e exalando cheiro de comida

A família chegando para o almoço de domingo

Os sucos de fruta fresca

As mangas e abacates madurinhos caindo com o vento

A chuva forte alagando a grama

O amanhecer silencioso

O entardecer solitário

A noite de lua cheia a clarear tudo ao redor

Os latidos dos cachorros e as buzinas na porteira anunciando que chegaram amigos

As músicas ao violão do companheiro na varanda

Pensei no quanto tudo isso foi reconfigurado

Minhas lembranças quase não reconhecem mais aquele lugar

Sinto que é hora de retornar!

Colocarei uma rede na varanda, fecharei os olhos e deixarei todas as lembranças voltarem.

Depois, se tiver vaga para mais uma carpinteira, não me importarei de juntar-me aos carpinteiros mais experientes para uma bela construção/desconstrução. A caixa de ferramenta continua na despensa. O martelo, o serrote e os pregos, embora enferrujados, se limparmos, funcionam! Enquanto isso, celebro a vida porque ela “é bonita, é bonita e é bonita.” (Gonzaguinha- “ O que é o que é”).

FRONTEIRA ENTRE CIÊNCIA, POESIAS E VIDA: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DE UM ESTÁGIO PÓS-DOCTORAL

Curitiba, Domingo 02 de Maio de 2021, meu aniversário!

Para não dizer que não falei de Ciência: Situando o objeto

Nesta parte apresento elementos específicos da pesquisa realizada durante o estágio pós-doutoral, situando o objeto e o modo como se deu sua construção.

A pesquisa teve como objetivo analisar as concepções de Currículo de Formação Inicial de Professores do Campo que orientam os Projetos Pedagógicos dos Cursos de Licenciatura oferecidos por universidades federais da região Norte do Brasil.

A pesquisa foi parte de minhas produções durante o Estágio Pós-doutoral realizado junto ao Programa de Pós Graduação em educação da UFPR, uma das universidades parceiras na efetivação do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica na Amazônia – PROCAD/Amazônia. Esse Programa tem por objetivo apoiar projetos conjuntos de ensino e pesquisa de três Universidades Federais: Universidade Federal do Acre (UFAC), Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Universidade Federal do Pará (UFPA) no aprimoramento da formação pós-graduada de seus quadros profissionais, visando à melhoria da qualidade dos Programas de Pós Graduação (PPG) a partir de ações conjuntas entre instituições parceiras de modo a contribuir para a diminuição das assimetrias regionais observadas no Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG), conforme diretrizes do Plano Nacional de Pós-Graduação (PNPG) 2011-2020.

Considero importante registrar que o estudo foi financiado pela Capes em forma de bolsas de estudos e passagens aéreas, auxílio imprescindível para a realização da pesquisa.

A pesquisa foi supervisionada pelo professor Paulo Vinícius Baptista da Silva e vincula-se ao Projeto de Internacionalização da UFPR "Relações de Poder, Assimetrias e Direitos Humanos" no CAPES-PRINT que privilegia a análise das múltiplas relações de poder e das assimetrias sociais, tendo ou não a figura do Estado como referência.

FRONTEIRA ENTRE CIÊNCIA, POESIAS E VIDA: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DE UM ESTÁGIO PÓS-DOCTORAL

O problema de pesquisa que a norteou é: Quais as concepções de Currículo de Formação Inicial de Professores do Campo orientam os Projetos Pedagógicos dos Cursos de Licenciatura oferecidos por universidade federais da região Norte do Brasil?

Para me aproximar da resposta a esse problema, tracei três questões de estudo:

- Qual a produção científica sobre “currículo”, “educação do campo” e “formação inicial de professores do campo” resulta em teses e dissertações?

-Quantas e quais são as universidades federais da região Norte que oferecem cursos de Formação Inicial de Professores do Campo?

-Quais são as principais referências teóricas, conceitos e princípios que fundamentam os PPC?

Analisar as concepções de educação do campo expressas em artigos, teses, dissertações e Projetos Político Pedagógicos de cursos de formação inicial de professores do campo produzidos na região Norte do Brasil foi o objetivo geral do estudo; e seu foco se dá em quatro elementos:

- O nível da formação (formação inicial);
- Os sujeitos atendidos pela formação (professores);
- O lócus (Campo e na Região Norte);
- As instituições (Universidades públicas da região Norte).

Em razão da pesquisa ocorrer durante um quadro de pandemia do Covid 19, trabalhei tão somente com a pesquisa bibliográfica e documental.

A coleta de dados se deu mediante o uso de fontes advindas de plataformas virtuais. Recorri ao Banco de Periódicos da Capes para colher artigos sobre “Currículo” e “Educação do Campo” publicados no período delimitado para o estudo; os sites de Programas de Pós-graduação em Educação da região Norte para localizar teses e dissertações que tratam sobre o tema, bem como para acessar os PPC de cursos de Licenciatura em Educação do Campo ou cursos afins para identificação e análise das concepções de currículo neles expressas.

FRONTEIRA ENTRE CIÊNCIA, POESIAS E VIDA: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DE UM ESTÁGIO PÓS-DOCTORAL

Para o alcance do objetivo traçado fiz alguns movimentos que explicito: 1. Mapeamento junto ao Portal de Periódicos da Capes de artigos tomando como descritores de busca “Currículo” e “Educação do Campo” 2. Mapeamento junto aos sites dos Programas de Pós-graduação em Educação da região Norte de teses e dissertações sobre “educação do campo” e “formação inicial de professores do campo” e 3. Busca também nos sites das universidades lócus do estudo (UFAC, UFAM, UNIR, UFRR, UPPR, UFAP e UFT) de Projetos Pedagógicos Curriculares de Cursos de formação inicial de professores do Campo. Todas as fontes foram mapeadas, descritas e analisadas.

Em relação aos resultados da pesquisa esta revelou que as concepções de currículo de formação inicial de professores do campo, águas e florestas que fundamentam os artigos, teses, dissertações e Projetos Pedagógicos Curriculares oferecidos pelas universidades federais da região Norte vinculam-se às concepções críticas de currículo, advindas principalmente de referências teóricas marxistas, freireanas e decolonizadoras. Os autores mais referenciados são Marx (1985), Santomé (1995), Freire (1987, 2011), Caldart (2000), Molina (2011) e Arroyo (2000; 2012).

E agora professora pós-doutora! Como fica sua carreira?

Em tempos de um governo epistemicida, que nega a universidade pública, os sujeitos que a constroem e a ciência que nela é produzida, me pergunto: Como fica minha carreira profissional? Como estão as carreiras dos professores da rede federal de educação? Para aonde correm? A que e quem ainda podem recorrer?

É impossível desconsiderar o investimento que um professor universitário faz em sua formação e qualificação profissional. Trata-se de no mínimo de 22 anos de vínculo com as instituições formais de ensino. Trata-se de 11 anos de educação básica; quatro anos de ensino superior; e uma média de sete anos de pós-graduação investidos em cursos de mestrado e doutorado. Esse tempo pode ser acrescido de Estágios Pós-Doutorais e cursos de formação continuada.

Essa trajetória de formação é em geral realizada simultaneamente às atividades profissionais, aumentando, desse modo, os desafios dos docentes em seus

FRONTEIRA ENTRE CIÊNCIA, POESIAS E VIDA: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DE UM ESTÁGIO PÓS-DOCTORAL

processos de desenvolvimento profissional. Mas é preciso pensar que no decorrer e, especialmente, na conclusão da formação de pós-graduação, o docente dê continuidade a carreira para a qual se qualificou.

Permita-me reproduzir um diálogo muito frequente na trajetória profissional de professores universitários:

“Oi professora”? Terminastes o doutorado ou o pós-doutorado?

Sim terminei os dois! Pretendo desenvolver bons trabalhos tanto no ensino como na pesquisa e na extensão. Quero montar um grupo de estudos e pesquisa potente! Você gostaria de participar?

Agradeço, mas não vai dar! Estou tentando formar meu próprio grupo de pesquisa. Temos que ter projetos individuais. Do contrário não há como registrar carga horária em nossos planos de atividade.

Olha! Cuide de entrar logo com teu pedido de progressão funcional por titulação.

Farei isto! Poderia me dizer em quanto aumentará meu salário?

Risos!!! Olha não é muito. Algo em torno do valor da bolsa de estudos de doutorado, na verdade não alterará muito. Não fará diferença.

Não te esqueças de ir reunindo documentos comprobatórios de toda atividade que fizeres, pois daqui dois anos, quando fores solicitar progressão, tens que comprovar tudo.

Ah! Fique atenta aos editais de PIBIC, PIBID, PIVID, PIBIRD, PET e todos os outros que o MEC lançar, pois, do contrário, não terás progressão, e ainda serás lotada em quatro disciplinas por semestre, o que te exigirá um investimento de energias físicas e psíquicas intenso conduzindo-te a um processo de exaustão e adoecimento.

Alimente teu currículo lattes. Tente produzir o quanto pudes. Só tem uma coisa: não adianta solicitar às instâncias administrativas passagens, diárias ou reembolso de valores gastos com inscrições e participações em eventos científicos de tua área.

FRONTEIRA ENTRE CIÊNCIA, POESIAS E VIDA: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DE UM ESTÁGIO PÓS-DOCTORAL

Arque com tudo! Se não fizeres isso nunca serás professora de pós-graduação. Aliás, teu Centro nem terá cursos de pós-graduação aprovados pelo MEC.

Outra dica importante:

Entre em muitas comissões, colegiados, conselhos. Não tanto pelo valor da participação colegiada, do respeito aos princípios da democracia, autonomia ou coisa do tipo, pois isto está em extinção, mas para computar carga horária!

Acompanhe os prazos, faça todos os relatórios e fique atenta às avaliações, pois tudo isso será cobrado.

Se não estás gostando das orientações que estou te dando, fique de olho em editais de concursos e comece a pensar na possibilidade de pedir demissão ou de aposentar proporcionalmente.

Cancela teu plano de saúde da UNIMED, que, além de não atender as nossas necessidades, é muito caro e vai para a GEAP. Se puderes, faça também, um seguro de vida e um seguro funeral. Mas se não couber em teu orçamento deixa pra lá. Na morte sempre se dá um jeito. Mas por favor, não vá comprar uma corda depois dessa nossa conversa e se enforcar.

Perdoem se o final do enredo foi demasiado pessimista. Podemos escrever outro bradando que não queremos pagar a conta pelo desmonte das universidades e da carreira docente e alimentar a utopia necessária para reconstruirmos nossas carreiras em outra direção. Como dizia Paulo Freire em seu poema “Canção Óbvia”, o nosso “tempo de espera não pode ser um tempo de espera vã, mas um tempo de que fazer”. “Continuemos fazendo ciência e poesia nos entre-lugares da vida enquanto esperamos que a conjuntura mude.

Referencial teórico

ARROYO, Miguel Gonzáles. Ofício de mestre: imagens e auto-imagens. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

ARROYO, Miguel Gonzáles. Outros Sjeitos, Outras Pedagogias. Petrópolis-Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

FRONTEIRA ENTRE CIÊNCIA, POESIAS E VIDA: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DE UM ESTÁGIO PÓS-DOCTORAL

CALDART, Roseli Salete. *Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais do que escola*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

BARBOSA, Etienne Baldez Louzada; ANJOS, Juarez José Tuchinski; SILVA, Paulo Vinícius Baptista. *Irmãos Rebouças no Paraná do século 19 e os intelectuais negros*. *Acta scientiarum education*, v. 42, p. 1-14, 2020.

CALDART, Roseli Salete. *Por uma Educação do Campo: traços de uma identidade em construção*. In: ARROYO, Miguel G.; CALDAR, Roseli S.; MOLINA, Mônica Castagna. (orgs.). *Por uma Educação do Campo*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2004.

FREIRE, Paulo e SHOR, Ira. *Medo e Ousadia? O Cotidiano do Professor*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GROSGUÉL, Ramón Para Descolonizar os Estudos de Economia Política e os Estudos Pós-Coloniais: Transmodernidade, Pensamento de Fronteira e Colonialidade Global. In: SANTOS, Boaventura; Menezes, Paula. *Epistemologias do Sul*. SP: Cortez, 2010.

LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

MARX, Karl. *Manuscritos: economía y filosofía*. Madrid: Alianza Editorial, 1985.

MIGNOLO, Walter D. *Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política*. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, nº. 34, p. 287-324. 2008.

MOLINA, Mônica C. & SÁ, Laís Mourão (orgs.). *Licenciaturas em Educação do Campo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, Demasiado Humano*. Um livro para espíritos livres. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2000 (Vol. I) e 2008 (Vol. II).

QUIJANO, Anibal. *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América latina*. In: LANDER, Edgardo (Org.) *A colonialidade do SABER: eurocentrismo e Ciências Sociais perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires (Argentina): Colección Sur-sur, 2005.

SANTIAGO, Silviano. *Uma Literatura nos Trópicos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. *As culturas negadas e silenciadas no currículo*. IN: SILVA, Tomaz Tadeu. *Alienígena da sala de aula*. p.243-267. Petrópolis-RJ: Vozes, 1995.